

"Brasileiros" de todos os países

Catar'2022

POR FALTA DE TORCIDA EXTRA O BRASIL NÃO DEIXARÁ DE LEVAR O HEXA. É SÓ ANDAR PELAS RUAS DE DOHA E ARREDORES PARA ENCONTRAR PESSOAS DE VÁRIAS NACIONALIDADES VESTINDO A AMARELINHA COM ORGULHO

O BRASIL QUE ENCANTA O MUNDO



Abdelrahman Salih
SUDÃO

"Você fala do Brasil e tudo é sobre futebol. Vocês têm lendas, estou usando a camisa de Ronaldo, tem Ronaldinho, Rivaldo"



Ziaul Islam
BANGLADESH



Taraaf Raed
SÍRIA



Waleed Bahnas
PALESTINA



Daniel Davis
ÍNDIA

"Eu amo os times sul-americanos, principalmente Argentina e Brasil"

Imelda Harris, da Malásia,
mescla o tradição religiosa
muçulmana e o apoio ao Brasil



Zheng Bofei
CHINA



Zaid Ajweh
JORDÂNIA



Nyce Ndegwa
QUÊNIA



"Eu amo o Brasil porque para vocês o futebol é vida!"

Imelda Harris
MALÁSIA

João Vitor Marques
Emissão especial do Catar

Os olhos de Daniel brilhavam em expectativa. A cada movimentação diferente, ele parava o que quer que estivesse fazendo para mirar sobre a grade e o batalhão de policiais que o separavam do sonho de encontrar os ídolos. Mas estar ali, respirando o mesmo ar de quem tanto admira, já parecia bastar ao torcedor da Seleção Brasileira. Era uma raríssima oportunidade de dividir a mesma cidade com Neymar, Vinícius Júnior e outros tantos a quem só vê pela televisão. Afinal, em que ocasião esses jogadores visitariam a Índia?

Daniel Davis tem nome de brasileiro, mas nasceu no país do Sul asiático. Percorreu cerca de 3 mil quilômetros até o Catar para acompanhar a Copa do Mundo e demonstrar a paixão pela Seleção, que o acompanha desde menino. "Eu amo os times sul-americanos, principalmente Argentina e Brasil", sorri. A aparente contradição, garante o indiano, não diminui o sentimento e o orgulho de vestir a camisa amarela.

A história de amor de Daniel pela Seleção não é tão inusitada quanto pode parecer. Com ele, centenas de indianos tomaram as ruas da capital Doha com as cores da bandeira brasileira nesses primeiros dias de Mundial. O grupo "Brazil

Fans Qatar" tem canções próprias — em hindi — para incentivar Tite e companhia em busca pelo sonhado hexa. Com sonoridade e sotaque próprios, ganharam a simpatia de brasileiros que estão no Catar e dos que acompanham a Copa pelas redes sociais.

O mar arábico e 5,2 mil quilômetros separam a Índia de Daniel do Sudão, terceiro maior país da África. Lá nasceu Abdelrahman Salih, que deixou a camisa do país natal em casa para vestir a da Seleção Brasileira em Doha. "Eu amo a cultura. Sou torcedor do Arsenal, e metade do time é brasileiro. Nós temos três Gabrielés (Jesus, Martinelli e Magalhães). Você fala do Brasil e tudo é sobre futebol. Vocês têm lendas, estou usando a camisa de Ronaldo, tem Ronaldinho, Rivaldo...", explica.

Em poucos metros de caminhada pelo Fan Festival, por Souq Waqif (tradicional mercado local) ou por Corniche (região turística na Baía de Doha), são muitos os torcedores com a camisa da Seleção. A maioria, porém, não nasceu no Brasil. Tem gente de Bangladesh, do Sudão, da Líbia, do Egito, da Jordânia, da Quênia, de Omã, da Síria, da Palestina, da China... Juntos, demonstram o amor comum pelo futebol brasileiro.

Ídolos do passado são lembrados a todo momento. O esquadro de 1970, que conquistou o tricampeonato comandado por Pelé, conquistou uma geração de fãs pelo mundo. Mais recentemente, nos

anos 1990 e 2000 a influência veio especialmente de Ronaldo e Ronaldinho, que fizeram sucesso na Seleção e em clubes gigantes da Europa, muito acompanhados na Ásia, na África e no Oriente Médio.

Entre os mais novos, a paixão é renovada especialmente por conta de Neymar. Figura controversa no Brasil, o camisa 10 da Seleção conquistou uma legião de fãs mirins. "Eu gosto do Brasil porque é um país fantástico e é bom no futebol", diz Hamed Almaskari, garotinho de 10 anos nascido em Omã, quase vizinho do Catar, no Oriente Médio. "Eu gosto do Neymar Júnior", conta o americano Matteo Dillon, de 8. "Neymar, Marquinhos, torço pelo PSG", enumera o pequeno Aamed Salamah, também de 8 anos, nascido na Líbia.

São poucas as mulheres que vivem em a Copa — seja nos pontos turísticos ou nos estádios, apesar da presença maciça nas arquibancadas durante a Cerimônia de Abertura no último domingo. Mas elas também demonstram, em menor número, o amor pela Seleção. De hijab e uma tiara com laços verdes e bolinhas amarelas gigantes na cabeça, Imelda Harris da Malásia, mescla a tradição religiosa muçulmana e o apoio ao time que adota. "Eu amo o Brasil porque para vocês o futebol é vida! Brasileiro", vibra.

Em uma Copa do Mundo tão cara e tão longe do Brasil, diferentes sotaques, etnias e tradições se juntam pelo sonhado hexacampeonato mundial.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: SuperEsportes **Página:** 18